

**ESPERANÇA
DE VIDA ETERNA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Esperança de vida eterna : força para agir hoje / organização de Walter Kardinal Kasper, George Augustin ; tradução de Monika Ottermann. - São Paulo : Paulus, 2026.
(Coleção Biblioteca de Teologia)

ISBN 978-85-349-6009-0

Título original: Hoffnung auf das ewige Leben

1. Vida eterna – Cristianismo 2. Morte - Aspectos religiosos – Cristianismo 3. Esperança
I. Kasper, Walter Kardinal II. Augustin, George III. Ottermann, Monika IV. Série

26-0252

CDD 236

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida eterna – Cristianismo

Coleção **BIBLIOTECA DE TEOLOGIA**

- *À sombra do Altíssimo: a relação singular entre o Espírito Santo e Maria*, Jonas Nogueira da Costa
- *O cristão do futuro*, Karl Rahner
- *Ele está no meio de nós: uma cristologia do encontro*, Gabriel Perissé
- *Teologia moral em saída: desfazer nós e enfrentar desafios*, Julio L. Martínez
- *A credibilidade da proposta cristã*, Lluís Oviedo Torró
- *Espaços litúrgicos de mulheres: revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro*, Paula Depalma
- *Desumanidade: reflexões sobre o mal moral*, José Ignacio González Faus
- *Teologia da revelação*, René Latourelle
- *A religiosidade popular: lugar teológico para a nova evangelização*, Daniel Cuesta Gómez
- *No final nada?: Sobre a ressurreição e a vida eterna*, Gerhard Lohfink
- *Deus às margens: a revelação de Deus nos tempos de secularização*, Francesco Cosentino
- *Eucaristia: compreender, viver e celebrar*, George Augustin (org.)
- *Esperança de vida eterna: força para agir hoje*, Walter Kasper; George Augustin (orgs.)
- *Da necessidade e da bênção da oração*, Karl Rahner
- *Mudança estrutural na Igreja como tarefa e oportunidade*, Karl Rahner
- *Não apaguem o Espírito!*, Karl Rahner
- *Quem é teu irmão?*, Karl Rahner
- *Ministério ordenado: ontem, hoje, amanhã*, Francisco de Assis Costa Taborda
- *Servir a humanidade, servir a Igreja: uma proposta teológica e pastoral sobre o diaconato*, Serena Noceti

CARDEAL WALTER KASPER / GEORGE AUGUSTIN (orgs.)

Tradução:
Monika Ottermann

ESPERANÇA DE VIDA ETERNA

Força para agir hoje



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Hoffnung auf das ewige Leben: Kraft zum Handeln heute*
© Verlag Herder GmbH, Freiburg im Breisgau 2015
www.herder.de

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Darlei Zanon

André Odashima

Design

Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6009-0

ÍNDICE

Prefácio	7
<i>Cardeal Walter Kasper</i> “Quando poderei vir e ver a face de Deus” (SI 42,3). Escatologia como o encontro final com Deus	11
<i>Peter Strasser</i> O eterno no transitório. Sobre a transcendência cotidiana	31
<i>George Augustin</i> Esperança de ressurreição ou doutrina da reencarnação	49
<i>Thomas Söding</i> A ressurreição dos mortos. Reflexos sinóticos do anúncio de Jesus	67
<i>Eberhard Schockenhoff</i> A esperança do além como força motivadora para agir hoje	93
<i>Johannes Schelhas</i> A vida terrestre – o começo da vida eterna	115
<i>Bertram Stubenrauch</i> A morte: um sinal para a vida antes e depois	137
<i>Jan-Heiner Tück</i> Irreconciliados por toda a eternidade? A novela <i>O concerto e a esperança de reconciliação</i>, de Hartmut Lange	153
<i>Markus Schulze</i> O inferno é humanamente possível? Sobre a mudança na teologia da definitividade negativa nos últimos cinquenta anos	179

Cardeal Walter Kasper

“Proclamamos a vossa ressurreição!”

A liturgia como lugar vivencial da escatologia 219

Elenco dos autores 237

Instituto cardeal Walter Kasper 239

Escatologia – a doutrina das últimas coisas: morte e vida eterna, céu, inferno, purgatório, ressurreição dos mortos. Hoje, tudo isso parece estar muito distante da vida de muitas pessoas. Não é a morte e o que vem depois dela, mas o processo de morrer e o que vem antes dele – envelhecer, morrer e ser acompanhado na fase terminal – o que atualmente preocupa muitas pessoas e alimenta muitos debates públicos.

Tais debates, existencial e socialmente importantes, nos confrontam novamente com a questão da morte e do processo de morrer. São questões que afetam todas as pessoas, e todas terão que enfrentá-las mais cedo ou mais tarde. No entanto, a pergunta pelo morrer e pela morte não diz respeito apenas à última fase da vida de uma pessoa. Ela levanta, de modo geral, a pergunta pela vida e pelo sentido da vida antes da morte. As últimas coisas projetam ou uma luz ou uma sombra sobre as penúltimas coisas desta vida.

Nessa perspectiva, o *Kardinal-Walter-Kasper-Institut* (Instituto Cardeal Walter Kasper), em Vallendar, organizou nos dias 17 a 19 de março de 2014 um simpósio que combinou reflexão teológica e contemplação espiritual, reflexão e oração, celebração da Eucaristia e comunhão de mesa informal. As contribuições para o simpósio, reunidas neste volume, buscaram demonstrar, a partir de várias perspectivas, a relevância atual da escatologia cristã que, infelizmente, é negligenciada com frequência no anúncio contemporâneo.

Para começar, a pergunta primordial pela morte, que é humana e que ninguém pode evitar, será primeiramente explorada de uma maneira mais meditativa e existencial, na intenção de abrir uma

perspectiva geral. Era preciso abordar a pergunta de como nós, seres humanos, podemos falar da vida eterna sem fazer a tentativa frustrada de relatar precocemente algo que, neste mundo, nenhum olho humano viu e nenhum ouvido humano escutou.

Desde uma perspectiva bíblica, tornou-se claro que a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus vindouro, redescoberta no início do século passado, levantou a questão da morte individual e não exclui, mas inclui a entrada individual no Reino de Deus. Ela nos dá esperança, força, coragem, alegria e conforto já nesta vida e, portanto, se torna uma motivação para a nossa atuação hoje. Segundo a convicção cristã, a vida eterna, que esperamos alcançar definitivamente na morte, começa e se decide já nesta vida. Assim, a morte é um sinal para a vida antes e depois dela.

Desse modo, a mensagem cristã da nova vida eterna que começa na morte teve que ser confrontada com a doutrina do renascimento para uma outra vida terrestre. Devido às terríveis experiências do século passado e deste, era preciso perguntar se e como a culpa, que numa perspectiva humana é imperdoável, é compatível com a reconciliação final, ou se permaneceremos irreconciliados por toda a eternidade. Isso, por sua vez, levanta novos aspectos do discurso sobre o inferno que devem ser reconsiderados criticamente, sem abandonar o significado bíblico mais profundo deste discurso.

Evidentemente, neste contexto, as questões da escatologia não podiam ser abordadas em sua totalidade. As questões cosmológicas da evolução, levantadas numa nova qualidade por Teilhard de Chardin, as principais questões da escatologia e da história, bem como a relação teologicamente muito discutida entre a escatologia individual e a universal, só podiam ser abordadas de passagem. Contudo, a questão da escatologia e da Eucaristia, e, portanto, também a dimensão escatológica da Igreja e do mundo, foi abordada na homilia durante a celebração da Eucaristia. Ela recebeu uma elaboração maior para este volume.

A todos que contribuíram para este simpósio e para a publicação dos artigos, aos palestrantes, aos colaboradores do Instituto Cardeal Walter Kasper, Dr. Ingo Proft e Dr. Stefan Ley, ao hospitaleiro Centro de Conferências Vallendar e seus colaboradores, bem como a Dr. Stephan Weber, da editora Herder, deixo meus sinceros agradecimentos.

Roma, no final do ano litúrgico,
na festa de Cristo Rei de 2014.

Cardeal Walter Kasper

“QUANDO PODEREI VIR E VER A FACE DE DEUS” (SI 42,3). ESCATOLOGIA COMO O ENCONTRO FINAL COM DEUS

Cardeal Walter Kasper

O convite para ministrar uma palestra introdutória a este simpósio sobre as Últimas Coisas, morte, ressurreição e vida eterna me deixou embaraçado. Não sou especialista nestes assuntos. É claro que estas questões sempre estiveram indiretamente presentes na minha teologia. Mas quanto mais velho a gente fica, o mais tardar após o 80º aniversário, tanto mais explícita e pessoalmente é preciso encarar a questão da morte e da vida depois dela. Nesse sentido, não quero dar uma palestra introdutória técnica e estritamente acadêmica, mas sim oferecer algumas reflexões mais existenciais e convidar a pensar juntos.

Publicações especializadas não faltam.¹ Pelo contrário, Hans Urs von Balthasar disse certa vez que a escatologia é o “cantinho de mau tempo” da teologia contemporânea. Por isso é ainda mais

¹ Aqui precisamos mencionar quase todos que são conhecidos e importantes na teologia católica do século XX: Romano Guardini, Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar, Joseph Ratzinger, Hans Küng e outros. Alguns dos meus alunos dedicaram-se intensamente à questão da escatologia: Gisbert Greshake, Medard Kehl, Hans Kessler. Também vale mencionar Franz Josef Nocke e Johanna Rahner. Em 1979, a então Congregação para a Doutrina da Fé publicou sua posição sobre “algumas questões da escatologia”, seguida em detalhes pelo Catecismo da Igreja Católica (1993) (n. 988-1065) e Bento XVI na encíclica *Spe Salvi* (2007). Importante é também o diálogo com os grandes esboços histórico-teológicos de Tomás de Aquino em M. Seckler e de Boaventura em J. Ratzinger. Na teologia protestante, após a redescoberta da escatologia por Johannes Weiss e Albert Schweizer, devemos mencionar a teologia dialética de Karl Barth, Eberhard Jüngel e outros, a partir de uma perspectiva luterana de Paul Althaus, e o esboço independente de Wolfhart Pannenberg, bem como a teologia da esperança de Jürgen Moltmann. Menção especial deve ser feita à teologia política e sua reatualização da apocalíptica (Johann B. Metz) e aos vários conceitos da teologia da libertação.

surpreendente que haja um silêncio constrangedor e embaraçado quando se trata do anúncio pastoral. Fala-se muito em construir o mundo e melhorá-lo, algo que o mundo realmente precisa, mas surpreendentemente pouco sobre o novo mundo vindouro, sobre a morte e a vida eterna. Quando a teologia ignora tão cegamente questões humanas fundamentais, ela não deve se admirar por atrair cada vez menos interesse.

Este emudecimento corresponde a uma atitude muito difundida hoje em dia. Tentamos fazer da morte um tabu, ficar em silêncio sobre ela e escondê-la. Ela é tornada invisível e delegada a hospitais, casas de repouso e clínicas de cuidados terminais. Graças aos avanços na medicina e na higiene, temos a possibilidade de adiar a morte cada vez mais. Mas na hora H, a maioria das pessoas deseja uma morte que seja a mais gentil e misericordiosa possível. Elas querem simplesmente dormir e não acordar mais, ou têm a esperança de uma morte fulminante – simplesmente apagar. Para os nossos antepassados, esta era uma ideia terrível e horripilante. Eles rezaram para que Deus os protegesse de uma morte “inesperada”, ou seja, despreparada e não acompanhada pelos sacramentos da Igreja. Queriam se despedir dos seus entes queridos e desta vida bem preparados e na presença da família.

1. A morte como mistério da vida

A primeira pergunta que devemos nos fazer é: como podemos falar da morte, da vida após a morte e da vida eterna? Todo mundo sabe: tem uma última hora na minha vida. Algum dia, a vida aqui na terra chegará ao fim. Ninguém sabe quando ou como; a morte tem mil faces, mas todos sabem que um dia terão que morrer. A certeza da morte é a coisa mais certa que sabemos sobre o nosso futuro. Nossa vida como seres humanos corre em direção à morte desde o primeiro momento da nossa existência. O ser humano é um ser para a morte (Martin Heidegger). Por isso, é desonesto esquivar-se do pensamento da morte. *Memento*

mori! Lembre-se de que você é um ser humano mortal! Foi assim que já os generais romanos vitoriosos foram admoestados, e é isso que corresponde à antiga espiritualidade cristã.

Mas, o que é a morte? A resposta mais comum é: a morte é a separação entre corpo e alma. Isso parece claro, mas não é. Pois podemos dizer, até certo ponto, o que é um corpo sem uma alma, a saber, um cadáver que se dissolve e decompõe. Mas, o que é uma alma sem um corpo? Não importa como a gente olhe para isso, ela não é uma pessoa humana, porque para o ser humano é essencial existir em corpo e alma (*Suma Teológica* I q.29 a.1 ad 5; q. 75 a.4 ad 2). Portanto, a afirmação sobre a separação entre alma e corpo não pode ser entendida como significando que somente o corpo morre e a alma se livra do corpo e continua vivendo, como se estivesse libertada de um cárcere. Não é “alguma coisa” no ser humano que morre; o que morre é o ser humano, todo o ser humano.

Somente quando se leva a sério que, na morte, morre o ser humano, a morte é percebida em todo o seu drama e toda a sua seriedade existencial. É por isso que a morte, mesmo quando percebida como um alívio depois de uma longa e grave doença, sempre tem algo de pesado e amargo. Chega ao seu fim “algo” que, no fundo, estava projetado para a vida. Rompe-se uma relação, não só de corpo e alma, mas também a relação com o mundo ao redor, com parentes, amigos e conhecidos. Não é só a pessoa falecida que fica em silêncio para sempre; também nós, as pessoas vivas em torno dela, nos calamus diante da morte. A morte enquanto separação significa falta de relacionamento.

Esta falta de relacionamento torna difícil dizer o que é a morte. Nós somente experimentamos o processo de morrer, e isso geralmente só em outras pessoas. É verdade que há as assim chamadas experiências de quase-morte de pessoas que acordaram de um coma, ou às vezes até da morte clínica, e que relatam suas experiências. A psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross coletou relatos sobre isso. Correspondem a experiências muito antigas, por exemplo, àquelas encontradas no Livro Tibetano dos Mortos.

Falam de sensações como luz, paz e felicidade, da saída e do distanciamento do próprio corpo e de uma revisão da própria vida que passa como num filme. Portanto, a experiência de morrer é diferente do que pode parecer de fora, do que é chamado de agonia terminal; ela é pacífica, cheia de luz. Mas estas são apenas experiências de quase-morte, não experiências de morte. Quem vivenciou isso chegou perto da morte, mas não cruzou o limiar da morte como tal. Essas pessoas voltaram à vida. A morte como tal jamais foi experimentada por nenhuma pessoa viva.

O filósofo grego Epicuro concluiu disso: como ninguém jamais experimentou a morte e jamais a experimenta, e como a morte ocorre quando não somos mais, não faz sentido temer a morte. No entanto, esta é uma conclusão sofisticada. A morte como experiência limítrofe da nossa vida projeta uma sombra sobre as nossas vidas. Um limite tão absoluto é algo incompreensível. Afinal, compreender algo significa abraçá-lo, observá-lo de todos os lados, examiná-lo e classificá-lo. Não podemos ter uma visão abrangente da morte, pois não sabemos o que se abre atrás dela. Toda a nossa imaginação, os nossos pensamentos e a nossa fala estão vinculados às categorias de espaço e tempo. Eles terminam com a morte. Com a morte, abre-se uma dimensão que é incompreensível e inefável. É por isso que a morte de uma outra pessoa nos perturba. Através da morte de uma outra pessoa, percebemos algo sobre o nosso próprio destino. Na morte de uma outra pessoa, sempre se trata também de nós mesmos. No mistério da morte, aprendemos que a nossa vida é um mistério. A morte é a intrusão, ou talvez se possa dizer também: um relâmpago difuso do metafísico na vida do ser humano.

O que foi dito até aqui já permite uma primeira afirmação que é fundamental para tudo o que se segue. O discurso sobre as Últimas Coisas é enganoso. A morte não é uma coisa, e o que vem depois dela pode ser ainda menos compreendido e identificado como uma coisa. As Últimas Coisas não são coisas. Não existe uma física das Últimas Coisas. Também as afirmações escatológicas da

Bíblia não são informações sobre a vida no além nem um relato ou uma prévia do futuro escatológico. São imagens e parábolas. Isso também se aplica às representações artísticas mais deslumbrantes, mas às vezes cafonas, do céu e às imagens assustadoras e horripilantes do inferno. Trata-se de imagens; e já a realidade como tal, ninguém jamais a viu.

O mistério que é a morte e que é revelado na morte afeta toda a nossa vida e se deita sobre ela como uma sombra. A morte não é simplesmente o ponto final para o qual tudo o mais converge e assim chega ao fim. Ela não está simplesmente anexada à vida. O último momento também levanta perguntas últimas. Diante da morte, surge a pergunta sobre o sentido e o não sentido, o significado e o absurdo da existência. A morte coloca-nos diante da pergunta: O que é o ser humano? O que e quem sou eu? Um capricho do destino, um acaso da evolução, como uma flor que floresce, depois murcha e retorna ao ciclo da natureza; como uma vela que brilha intensamente, mas nisso se consome e finalmente apaga? Como é aquilo que chamamos de vida? O que foi? O que fica?

2. Respostas da história da religião e da filosofia

As respostas são variadas. A resposta mais superficial é: “Vamos comer e beber, porque amanhã morreremos” (1Cor 15,32). Então, vamos aproveitar a vida e desfrutar dela, não vamos perder nada e vamos fazer dela o máximo que pudermos. Segundo Paulo, isso é o que dizem pessoas que não têm esperança. A vida delas carece de consolo e de esperança. Mas, será que é possível viver sem esperança? Costuma-se dizer: a esperança é a última que morre. Então, o que fica?

Uma resposta antiga é: nós continuamos vivendo nos nossos descendentes, nos nossos filhos e netos. Deixamos-lhes não apenas uma herança material, mas também cultural, para que possam continuá-la. Ou: continuamos vivendo no que criamos, sejam bens materiais, sejam coisas que escrevemos ou criamos artisticamente.